

canudos nas mais variadas áreas e esta revista é mais um resultado desta paixão.

Embora este primeiro número seja inteiramente dedicado a Canudos, a revista se preocupa com as diversas áreas do conhecimento que envolvem o semi-árido baiano, suas fragilidades, suas potencialidades e o ordenamento de idéias que apontem para o desenvolvimento sustentável da região.

Os artigos foram escritos por estudiosos atentos à temática de Canudos abordando aspectos inerentes à guerra, à religiosidade, à literatura, e o Parque Estadual de Canudos - local que guarda, com precisão, sítios históricos, arqueológicos e paleontológicos. A revista inclui, ainda, um suplemento que traz a monografia vencedora do concurso, promovido pela UNEB, relativo às comemorações do Centenário de fundação de Bello Monte em 1993.

É de se ressaltar que o lançamento desta revista se insere num rol de lembranças que a Comissão do Centenário de Canudos está organizando para o Ano Canudos ( 21 de novembro de 1996 a 05 de outubro de 1997 ).

Revista Canudos. Sinônimo mais que perfeito que encontramos para a palavra Brasil. Não morrerá, não se renderá !

*Luiz Paulo Almeida Neiva*  
Coordenador  
*Centro de Estudos Euclides da Cunha*

## NOTÍCIA SOBRE CEM ANOS DE FICÇÃO

### CANUDIANA

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez<sup>1</sup>*

Passados cem anos do início da Guerra de Canudos, quando se empreende ampla revisão do acontecimento que marcou tão dolorosamente a consciência nacional, impõe-se e urge, também, a revisão crítica dos textos que inscrevem Canudos na literatura. No breve espaço deste artigo, noticiarei sobre minha pesquisa em andamento na área da ficção de tema canudiano. Embora a abrangência da pesquisa incluía a análise de textos ficcionais que tocam este tema *a latere* ou que o parodiam, além dos textos dramáticos sobre Antônio Conselheiro ou Canudos, estabeleço aqui um recorte relativo apenas aos romances que assumem o tema canudiano como eixo central da obra.

Uma das observações já comprováveis nesse recorte do *corpus* é a da permanência euclidiana nos romances sobre Canudos. Embora *Os sertões* não tenha sido o primeiro texto literário sobre o episódio - e aqui esquivo-me a retornar à questão da literariedade ou não deste livro, considerando que hoje é ponto assente para a crítica a sua inclusão no acervo da literatura brasileira - institui-se como o livro de Canudos. Além de impregnar-se aos textos de depoimentos memorialísticos, a força germinadora de *Os sertões* na literatura revela-se, sobretudo, na ficção regionalista, e, em especial, no romance de tema canudiano.

Para efeito de análise, agrupamos os romances de tema canudiano em três blocos : os da contemporaneidade de Euclides e dos acontecimentos de Canudos,

<sup>1</sup>Professor Adjunto do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará; Doutora em Letras, Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

fortemente contaminados pela proximidade da Guerra; os da década de 50, quando já é possível “ver” *Os sertões* e os acontecimentos com relativa perspectiva do tempo, ultrapassado o impacto de meio século provocado pelo trauma do episódio e pela obra euclidiana, e os da nossa contemporaneidade, décadas de 80 e 90, com maior perspectiva temporal e com a experiência histórica, cultural e literária do final do século XX, filtrando a guerra e o livro. No primeiro bloco, incluímos *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos e *Accidentes de guerra* (1905), de Dantas Barreto; no segundo, *Le mage du sertão* (1952), de Lucien Marchal, *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos e *O Capitão Jagunço* (1959), de Paulo Dantas; no terceiro, *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga e *As meninas do Belo Monte* (1993), de Júlio José Chiavenato.

No ano seguinte à destruição de Belo Monte, em 1898, foi publicado, com tiragem muito restrita, de 300 exemplares, o romance *Os jagunços*, assinado pelo autor, o mineiro Afonso Arinos, com o pseudônimo de Olívio de Barros. Embora publicado anteriormente a *Os sertões*, é possível incluí-lo na família de textos euclidianos pela interação desta obra com outros textos de Euclides, como bem o demonstra Bernucci, em *A imitação dos sentidos*.<sup>2</sup>

Antes da publicação de *Os jagunços*, Afonso Arinos, já revelara sua preocupação com o tema de Canudos, publicando, em *O Comércio de São Paulo*, conhecida página sobre a questão da população do Brasil central:

se nos sertões existe uma população dela nada se conhece nem dela cuida o Governo; eis que ela surge, numa estranha e trágica manifestação de energia, afirmando a sua existência e lavrando com o sangue um veementíssimo protesto contra o desprezo a que fora relegada<sup>3</sup>

Dividido em duas partes, o romance de Afonso Arinos narra, na primeira, a vida no sertão, com foco principal no boiadeiro Luís Pachola: seu encontro com um missionário e os tristes acontecimentos que redundam no assassinato de uma moça que o amava. Impressionado com essa desdita, Pachola decide mudar-se para Belo Monte, a fim de juntar-se ao missionário que vem a ser Antônio Conselheiro.

<sup>2</sup>Ver BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

<sup>3</sup>Apud MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *O sertanejo Afonso Arinos*. In: ARINOS, Afonso. *Os jagunços*. 3ªed. Brasília: Philobiblion/INL, 1985.

A segunda parte trata da vida na cidade santa, das expedições militares, da luta dos fanáticos, dos últimos dias de Belo Monte, e, finalmente, do esconderijo de alguns jagunços sobreviventes em furnas indicadas pelo Conselheiro, e da caminhada da tribo, sem rumo, pelo sertão. A narração ambígua da morte do Conselheiro e de seu sepultamento, nesse romance, deixa margem à manutenção da crença, difundida antes e depois da morte do Conselheiro, em sua ressurreição.

Três anos depois do aparecimento de *Os sertões*, Dantas Barreto, que já publicara o relato militar *Ultima expedição a Canudos*, em 1898, edita *Accidentes de guerra*<sup>4</sup>. Neste livro (cujo subtítulo é, apropriadamente, *Operações de Canudos*), a parte romanceada é mero pretexto para descrever, sem rigor estratégico e histórico, a campanha da qual o autor participara. Na introdução à sua narrativa, depois de tratar do “legendário Antônio Conselheiro”, referindo-se a seu drama, relata sucintamente a derrota das forças estaduais e justifica o envio das forças do Governo Federal, explicando, a seguir, a motivação de sua narrativa:

Este facto, entremeiado de um episódio romantizado, tal é o objetivo do presente livro, escripto aliás sem exageros e sem paixões, em face de documentos preciosos, com a singeleza da verdade, para leitura dos camaradas que se interessam por estas narrativas de campanha<sup>5</sup>

Em tom de justificativa, o autor lembra que, embora o tema já tivesse sido desenvolvido “com todos os relevos de um talento de raça pelo autor dos Sertões”, volta a abordá-lo “arrastado pelas atracções emocionantes de tão extraordinarios acontecimentos, certo da oportunidade que elles ainda envolvem<sup>6</sup>

O enredo amoroso mal ocupa um décimo das páginas da narrativa: o tenente Alberto, do regimento de Moreira César, confidencia a seu amigo Elias que segue para Monte Santo com muita emoção, pois pensa rever sua namorada de adolescência, Germana, a quem não vê desde que o pai o mandara à capital justamente por discordar de sua paixão por ela, moça de classe subalterna, filha do morador de uma sua propriedade. Ao chegar em Monte Santo, Alberto descobre

<sup>4</sup>BARRETO, Dantas: *Accidentes de guerra. Operações de Canudos*. Rio Grande do Sul: Liv. Rio-grandense/R. Strauch, 1905.

<sup>5</sup>BARRETO. *Accidentes de guerra*, p7-8.

<sup>6</sup>Ibidem, p..8.

que a menina seguira com os pais para Canudos. Posteriormente, Germana é feita prisioneira de guerra, quando o casal se reencontra e decide casar-se:

A expedição tinha o seu episódio romanesco, a sua pagina sentimental, que se resumia no encontro desses jovens amantes, separados por dissensões de famílias desiguais pela fortuna e pelo nascimento, lançados em campos inimigos e a quem a sorte reunira por fim, depois dos sucessos de um combate rancorosamente pelejado. Pouco lhes restava para que atingissem a suprema felicidade; os dias estavam contados e a sua existencia dahi em diante seria o idéal do amor. Mais algumas jornadas e tudo estaria concluído, como sonhavam<sup>7</sup>

Atacados por jagunços quando caminhavam um pouco afastados do batalhão, Alberto e Germana são mortos. Somente depois da destruição de Canudos, o tenente Elias pôde dar sepultura aos “restos do saudoso companheiro e sua noiva adorada, encontrados no mesmo lugar em que a fatalidade os deixara para sempre”<sup>8</sup>

Essa narrativa, a não ser pelo episódio amoroso, pouco difere das numerosas narrativas de guerra que o episódio de Canudos propiciou, com suas referências às dificuldades de campanha, à natureza hostil, ao forte temperamento de Moreira César, à ferocidade dos jagunços, à morte de Pajeú, à destruição de Belo Monte. A estrutura narrativa se mostra frouxa e inconsistente, sobretudo na trama amorosa e na pintura dos personagens.

Somente na década de 50<sup>9</sup>, reabre-se o ciclo de ficção sobre Canudos com o romance *Le Mage du sertão*, de Lucien Marchal. Desde o prefácio do autor, depreende-se que *Le mage du sertão* é bem o livro do estrangeiro, escrito para estrangeiros. Depois de informar sucintamente sobre a Campanha de Canudos, acentuando a importância de *Os sertões* na bibliografia sobre o tema, endossa a tese racial de Euclides. Em sua própria composição tripartite - “Les Maciel”, “Canudos” e “La bataille”, o livro também remete à celebre divisão tainiana de

*Os sertões*. O relato, no entanto, em seu desenvolvimento da trama e dos personagens, revela-se o típico romance pitoresco, não faltando cenas de exotismo tropical e de erotismo dos mestiços - *batouqué*, prostituição -, além daquelas de banditismo, tão a gosto de uma mediana visão estrangeira, estereotipada, do país.

Assim, por qualquer motivo ou sem nenhum motivo, é ressaltada a cor ou a raça dos personagens - “Avec cette extraordinaire mobilité d’esprit du mulâtre”; os seguidores do Conselheiro são descritos como valentões, “plutôt bandits que fidèles”; o Conselheiro é apresentado como um chefe que ameaça os sertanejos com os piores castigos do céu para extorquir-lhes alimentos e outros bens, atraindo malfeitores, capangas, cangaceiros, seduzidos pelas facilidades da pilhagem. Entre as inverossimilitudes e distorções do texto, ressaltam: a qualquer momento, do dia ou da noite, os sertanejos comem feijoadas; Antônio Vicente despede-se de seu tio Miguel em espanhol, com um “adios”; a referência a São Sebastião, talvez por equívoco com relação ao sebastianismo; a data de fundação de Canudos pelo Conselheiro: “Canudos, la ville hallucinée, la ville d’enfer de serton était fondée. C’était le 7 mai 1885”.<sup>10</sup>

No prólogo de *João Abade*, romance de 1958, do jornalista fluminense João Felício dos Santos, o autor explicita que pretende escrever a história romaneada de Canudos sob ângulo ainda não explorado, de “dentro para fora, sem preocupações senão o arraial e sua gente” e a partir dos cadernos de nota e das cartas de um habitante de Canudos, Julius Cesar Ruy de Cavalcanti, conhecido como o Arlequim, e de informações de um sobrevivente, o jagunço Humberto. Reconhece que, além dos relatos de suas fontes, o livro “teve seu polimento final, (...) na catedral que é a obra de Euclides da Cunha. Nem podia deixar de ser assim.”<sup>11</sup> A prefaciadora do romance, Rachel de Queiroz, refletindo idéia corrente à época, inicia o prefácio com referência ao autor de *Os sertões*:

A impressão que se tinha é que Euclides havia encerrado o assunto. Depois dele, o que poderia ser dito? E, por culpa da obra prima, a tragédia de Canudos parecia vedada à inspiração literária, ou exaurida, como um veio de mina velha. Pois este João Abade que estamos lendo parece que veio quebrar o tabu; e com a singularidade de apresentar o drama de Canudos sob ângulo completamente novo: o da gente do Conselheiro<sup>12</sup>

<sup>10</sup>MARCHAL. *Le mage du sertão*, p. 139, 142, 145, 138, 146, 148, respectivamente.

<sup>11</sup>SANTOS. Antes, um bilhete. In: \_\_\_\_ João Abade. Rio de Janeiro: Agir 1958, p.14.

<sup>12</sup>QUEIROZ. Prefácio. In: \_\_\_\_ João Abade, p. 7.

O romance pretende ser a versão dos vencidos, tentando, como recurso de verossimilhança, imitar a prosódia, a sintaxe, enfim, o linguajar dos sertanejos, mas a narrativa perde a força do *pathos*, dissolvido na pintura folclórica da cor local.

Nascido em Sergipe, Paulo Dantas já escrevera *O purgatório*, romance sobre o misticismo sertanejo, antes de publicar *O Capitão Jagunço*, em 1959. Além de dedicar o livro a Euclides, no cinquentenário de sua morte, “como pávida homenagem êste meu capricho sertanejo”, oferece-o ainda a mais treze escritores, “todos os treze, no tempo e no registro, escritores desaparecidos da Campanha de Canudos, em lembrança e gratidão, pela ajuda que me deram”.

O romance divide-se em duas partes, “O velho e o sertão”, “O sertão e o Conselheiro” e o epílogo, “Delírio e despedida”. Na primeira, o narrador-personagem encontra-se, anos depois da Campanha de Canudos, na estrada de Jeremoabo, com um velho que diz chamar-se Jerônimo e ser conhecido como Capitão Jagunço, e que parecia ansioso por conversar. O velho lembra-nos Riobaldo (*Grande sertão: veredas* fora publicado três anos antes, em 1956), no seu estatuto de velho guerreiro contando suas aventuras de moço e, ao mesmo tempo, expondo suas angústias diante do bem e do mal. Se Riobaldo angustiava-se com sua dúvida da existência ou não do demônio e, por conseguinte, da veracidade ou não de seu pacto com o diabo, o Capitão Jagunço angustia-se em saber se foi ou não um traidor de sua gente, ao servir de guia às tropas do governo.

Para justificar-se perante o personagem-narrador: “Ouça-me por favor com atenção e depois, então, prefira o seu julgamento, que dêle muito careço”<sup>13</sup> mas, principalmente, a si mesmo, o velho jagunço conta sua vida em Belo Monte, onde teria sido castigado e sua mulher morta porque João Abade soubera que ele possuía título de eleitor. Assim, por vingança, aceitara conduzir as tropas do Governo ao arraial de Canudos.

Se o personagem é riobaldiano, sua linguagem também aproxima-se do universo verbal de *Grande sertão*. Diferentemente, porém, do personagem rosiano que, barranqueiro do São Francisco, conta suas histórias ao Doutor, seu hóspede, o velho jagunço é um narrador caminhante que vai percorrendo muitos dos locais de seu drama. Mas como Riobaldo, que não quer retornar às Veredas Mortas, lugar do suposto pacto com o diabo, Capitão Jagunço não entra em Canudos. Também como Riobaldo, Jerônimo preocupa-se com seu próprio discurso: “Preciso contar com tino, senão os fatos se atropelam, baralham-se, dando aquela confusão danada.”; e com os fatos sobrenaturais: “Não quero nada

<sup>13</sup>DANTAS, Paulo. *O Capitão Jagunço*. São Paulo: Brasiliense, 1959 p.10-11.

com as almas do outro mundo (..) E promessa é melhor pagar em vida que depois de morto”<sup>14</sup>.

Se Guimarães Rosa soube evitar o contraste entre a fala do jagunço e a do cidadão, criando um imenso diálogo, em que abstrai a fala do interlocutor, conhecendo-se dela, apenas, o que se depreende das respostas do próprio jagunço, Paulo Dantas optou por criar as duas falas, a do jagunço e a do personagem-narrador, não conseguindo, porém, evitar uma impressão de pouca naturalidade no discurso do moço. Enquanto, na linguagem e na pintura do personagem-título, sentimos forte contaminação do estilo rosiano, na descrição do temas canudianos, o autor mantém-se fiel à linha euclidiana, recontando, através do Capitão Jagunço os episódios da vida de Belo Monte e da Guerra de Canudos, já contados por Euclides.<sup>15</sup>

Depois dos romances da década de 50, somente em 1981, com o romance *La guerra el fin del mundo*, do peruano Mario Vargas Llosa, ressurgiu a novelística literária de tema canudiano. O Conselheiro vargasllosiano, mesmo sem ser um personagem condutor da narrativa, catalisa todas as grandes ações do romance. Suas palavras (seus conselhos) são o móvel principal dessas ações:

Daba sus consejos al atardecer, cuando los hombres habían vuelto del campo y las mujeres habían acabado los quehaceres domésticos y las criaturas estaban ya durmiendo (...) Hablaba de cosas sencillas e importantes (...) Cosas que se entendían porque eran oscuramente sabidas desde tiempos inmemoriales y que uno aprendía con la leche que mamaba. Cosas actuales, tangibles, cotidianas, inevitables, como el fin del mundo y el Juicio Final.<sup>16</sup>

A ação do romance, no que se refere à disposição dos sertanejos para a construção e preservação de Belo Monte, está explicada e justificada pelas lições do Conselheiro. Assim, a fé em suas palavras faz com que a realidade

<sup>14</sup>DANTAS. *O Capitão Jagunço*, p.16 e 19.

<sup>15</sup>A grande admiração de Dantas pelos dois autores está expressa em seu livro recentemente publicado: Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. *Através dos sertões*. São Paulo: Massa Ohno, 1996.

<sup>16</sup>VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*, Barcelona: Seix Barral, 1981, p.322.

sirva apenas para comprová-las: "Las profecias empezaban a ser realidad, las palabras hechos"<sup>17</sup>.

Destacam-se, na versão vargasllosiana da campanha de Canudos, os personagens-escritores, contadores de história, os homens-palavra. Os dois personagens-escritores, Gall e o Jornalista Míope, assumindo a função de estranhamento da realidade são os melhores intérpretes da sensação de ser estrangeiro do autor. Gall, aventureiro quixotesco, é o estrangeiro escrevendo para leitores estranhos à realidade narrada. Sua escrita dá oportunidade a Vargas Llosa para explicar, de forma verossímil, dados geográficos, históricos e sociológicos do sertão e do Brasil com olhar do Outro. Gall não consegue transmitir aos sertanejos sua solidariedade, embora fale o português, nem alcançar a comunidade socialista de suas utopias — Canudos —, embora chegue muito próximo de lá. Seus escritos não são lidos, porque seu destinatário, o jornal revolucionário *L'étincelle de la révolte*, é fechado, sem que o aventureiro anarquista venha a sabê-lo.

O Jornalista Míope, apesar de brasileiro, desconhece o que se passa no sertão profundo. Quando, por circunstância de fuga, na debandada da terceira expedição, chega ao arraial de Canudos, já perdera o contacto com o mundo: ao acabar-se a tinta e a última pena de ganso, deixara de escrever; ao quebrar os óculos, deixara de ver. Se, mais tarde, sobrevivente da guerra, o Jornalista Míope pensa escrever um livro, será como testemunho de uma realidade que não viu. Contará o que lhe contaram. De alguma forma, o Jornalista Míope lembra Euclides da Cunha, que manteve sua visão míope da realidade da Campanha de Canudos, enquanto a observou como correspondente de jornal e, que, somente depois, no trabalho solitário da escrita, pôde ter a sua visão de epifania da Campanha. Mas o Jornalista Míope é, sobretudo, disfarce do escritor *tout court* que, na concepção vargasllosiana, enxerga melhor na solidão de seu papel em branco, cumprindo sua vocação solitária.

Assim, os principais personagens-palavra do romance encarnam diferentes ângulos do modelo do escritor: Gall incorpora o estrangeiro, idealista e aventureiro, que recorre outros territórios, sem nunca encontrar seu lugar; o Jornalista Míope é o intelectual desencantado e insciente de seu país que, através de sons e odores de uma realidade que não pode enxergar, descobre um projeto para sua escrita. Ao amar Jurema, a mulher que Gall possuía pela violência, encontra o caminho que o aventureiro não soubera e não pudera trilhar.

<sup>17</sup> Ibidem, p.76.

Não seria demais lembrar uma aproximação entre Jurema e a planta jurema<sup>18</sup>. Quem lê *La guerra* espanta-se com o poder de sedução de Jurema. Como se fosse a única mulher do sertão atraí vários homens: é a mulher do pistoleiro Rufino e por ela se apaixonam Gall, o Jornalista Míope e Pajeú. É possível também aproximá-la a Iracema, a virgem que guardava o segredo da jurema, mas, como diz o guerreiro, "na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema".<sup>19</sup>

Todos os homens-palavra do romance de Vargas Llosa opõem a palavra oral ou a escrita ao esquecimento, o que vem explícito na afirmação do personagem Jornalista Míope em sua conversa final com o Barão de Canabrava, quando, angustiado com o silêncio que caía sobre a guerra de Canudos, diz que impedirá seu esquecimento através da única maneira que as coisas são conservadas: "Escribiéndolas"<sup>20</sup>. E, se o próprio autor reconta Canudos, para manter viva a memória desse holocausto, lembremos, porém, que contar Canudos não significa sempre contar um episódio da história do Brasil do século XIX. Pode significar também, como assinala Rama, instalar-se em "brechtiano distanciamiento hasta el pasado para poder hablar del presente con libertad"<sup>21</sup>. Nesse caso, além de propor uma leitura extensiva do drama de Canudos aos dramas atuais da América Latina, o autor pode estar falando de seu próprio drama. A esse propósito, Vargas Llosa declara que *La guerra*, apesar de não conter material autobiográfico, representa-o muito mais do que *La tía Julia y el escribidor* ou *Conversación en La Catedral*<sup>22</sup>.

Quando o intelectual do nosso tempo, Vargas Llosa, confessa-se seduzido pela figura do intelectual datado do século XIX, Euclides da Cunha, encontra nele, apesar das diferenças impostas pelo largo tempo que os separa, alguns fortes pontos de identificação. Como Euclides, Vargas Llosa projeta seus conflitos de ser dilacerado por polarizações nos fanáticos que povoam sua obra e na própria luta entre civilização versus barbárie, eixo central de seu livro totalizante sobre Canudos. Como Euclides, o escritor peruano sente-se

<sup>18</sup> Recordemos a referência em Os sertões à planta jurema, no final do capítulo IV de "A terra": "As juremas, prediletas dos caboclos - o seu haxixe capitoso(...) feito um filtro mágico". In: CUNHA, Euclides. Os sertões. Campanha de Canudos. 28ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p.36.

<sup>19</sup> ALENCAR, José de. Iracema. In: \_\_\_\_ Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, p.1088

<sup>20</sup> VARGAS LLOSA. La guerra del fin del mundo, p.341.

<sup>21</sup> RAMA. La guerra del fin del mundo: una obra maestra del fanatismo artístico. In: \_\_\_\_ La crítica de la cultura en América Latina. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p.335-353.

<sup>22</sup> Cf. GONZÁLEZ VIGIL, Ricardo. El Perú de todas las sangres. Lima: Pontificia Universidad Católica, 1991, p.380.

um peregrino, o judeu errante, tentando construir a sua nação através do livro total, o manual, a bíblia, o livro adicionado, suntuoso. Como Euclides, Vargas Llosa é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo.<sup>23</sup>

Um dos mais renomados ficcionistas do fantástico no Brasil, J.J.Veiga, a partir da crença da ressurreição ou do retorno do Conselheiro, ainda presente no imaginário popular do sertão, cria, em seu romance, *A casca da serpente*, publicado em 1989, uma narrativa em que o Conselheiro é retirado vivo de Belo Monte, antes da destruição, e constrói uma nova comunidade: Concorrência. Pautada em princípios diferentes dos de Canudos - democracia, abertura, não-fanatismo - a "comunidade que serviu de modelo a uma infinidade de outras mundo afora" é, inopinadamente demolida à força, como fora Canudos setenta anos antes:

a estátua de tio Antônio, que completava o visual da praça principal da Concorrência, foi dinamitada pelos invasores em 1965 e seus pedaços jogados serra abaixo (...) E a terra, o chão onde foi a Concorrência de Itatimundé, é agora depósito de lixo atômico administrado por uma indústria química com sede fictícia no Principado de Mônaco<sup>24</sup>

Nesse livro, em que se conta a saga impossível de outra cidade utópica, construída sobre os escombros dos erros de Canudos, as referências a Euclides da Cunha avolumam-se. Não só as explícitas, que citam palavras do repórter Pimenta da Cunha, muitas para negá-las como as que se estabelecem por oposição, ao tornar possível a construção de um modelo de sociedade incompatível com as teorias raciais expostas em *Os sertões*.

Ao deixar Belo Monte, o Conselheiro transforma-se aos poucos como se fosse uma cobra despindo-se de sua pele. Às mudanças em seus hábitos e em sua aparência - toma banho, corta os cabelos e a barba, joga fora o camisolão de penitente -, corresponde uma mudança em seu modo de ser - passa a tomar decisões consultando seus seguidores, aceita pessoas com outras ideologias e comportamentos, acata o progresso, antes amadidoado, muda o tratamento dado às mulheres, deixa o

<sup>23</sup>Ver maiores detalhes sobre a questão em GUTIÉRREZ, Angela. Vargas Llosa e o romance possível da América Latina. Fortaleza: EUFC; Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

<sup>24</sup>VEIGA, José J. *A casca da serpente*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p.154.

exagero das rezas, adotando a leitura comentada da Bíblia. Nas palavras do narrador: "Podia ser que ele estivesse se exercitando num programa de viver sem o apoio na Bíblia, para aprender a pensar com mais autonomia"<sup>25</sup>

Assim, como diz o narrador, "sem dor nem reclamação, o Conselheiro passou a ser tio Antônio" e, "na nova casca", aceita ser fotografado:

É um olhar vigilante, discernidor, mas sereno e sábio. Um olhar que atrai a atenção de quem vê a fotografia e ao mesmo tempo que está sendo olhado, olha também a quem o olha, e diz que ali está quem viu o avesso do mundo e da vida e não enloqueceu, mas tirou conclusões e aprendeu, e agora tem a tranquilidade humilde-orgulhosa de dizer, estou aqui, apesar.<sup>26</sup>

Para visualizar mais nitidamente a transformação entre as duas imagens do Conselheiro, o de Belo Monte e o de Concorrência, lembremos que uma das características descritivas mais fortes do Conselheiro euclidiano, vargasllosiano era o seu olhar "fulgurante", no dizer de Euclides, ou "ojos que ardían con fuego perpetuo", na expressão do escritor peruano, de uma forma ou de outra delatando o fanático.

Em um dos mais recentes romances sobre Canudos, *As meninas do Belo Monte*, de 1993, o autor, conhecido jornalista e escritor de temas históricos latino-americanos, Julio José Chiavenato, em "Esclarecimento" que antecede a obra, estabelece um especial contrato de leitura: afirma que o livro se baseia em acontecimentos reais, que os personagens históricos falam por suas próprias palavras, tendo pinçado essas falas de documentos históricos, sobretudo daqueles reunidos por Walnice Nogueira Galvão em seu trabalho *No calor da hora*. Ao mesmo tempo, diz o autor, que o livro "é um romance: não saberia contar a tragédia de milhares de crianças, escravizadas ou prostituídas, sem paixão".

A narrativa se desenvolve em dois tempos: no tempo de Belo Monte, acompanhando a vida do arraial, anterior ao conflito armado, a guerra, a destruição, através do olhar da menina Josefa que, sobrevivente da catástrofe, é resgatada por um repórter, passa por um depósito de prisioneiras, é vendida a uma prostituta, revendida a um senhor impotente, e retorna ao sertão com um setemesinho de Canudos, novo profeta; no tempo do personagem, homem sem nome nem

<sup>25</sup>Ibidem, p.147.

<sup>26</sup>Ibidem p. 120-121.

história, que demora sua canoa sobre a cidade santa submersa e se imagina Josefa. No tempo nebuloso do presente desse personagem - que parece alcançar seu outro eu, Josefa, através de plantas alucinógenas, a bromélia, a jurema -, há seu encontro com um frade perseguido pelos senhores de terra por ser a favor da reforma agrária, uma fuga em trem e a descrição de seu fim que coincide com o fim do romance:

Suas mãos lutaram para agarrar o mundo , um  
hausto de vida não retida, os pés mergulhara  
no vácuo, a locomotiva apanhou-o em pleno  
ar.Nunca souberam.<sup>27</sup>

Os principais ingredientes das narrativas canudianas estão presentes nesse romance: a vida de Belo Monte anterior à guerra, a apresentação do Conselheiro e dos principais jagunços, as quatro expedições armadas, a figura de Moreira César, o episódio da procissão de prisioneiros levados por Antônio Beatinho ao *front* do Exército, a degola dos prisioneiros de guerra, a figura do jornalista. Enquanto a maior parte das narrativas termina com a destruição de Belo Monte, esse romance centra-se, especialmente, no *day after*, o destino dos meninos e das meninas, chamados jaguncinhos de Canudos. Ao final, porém, tudo parece voltar ao início com a formação de novo profeta e seu séquito: um homossexual, Josefa e Maria José, outra jaguncinha.

Além de examinar os matizes das relações de afiliação ou de transposição paródica ou satírica dos romances de tema canudiano, aqui brevemente resenhados, com *Os sertões*, outras questões vêm sendo consideradas na análise que estamos empreendendo desses romances, entre elas: as relações entre os fatos ficcionais e os fatos históricos; a transtextualidade dentro do *corpus*, a intertextualidade com relação aos textos memorialísticos, periodísticos sobre Canudos; os pontos comuns entre os romances, de maneira a estabelecer suas características enquanto obras de um mesmo ciclo temático.

As conclusões parciais da pesquisa indicam que, na primeira metade do século, acontece com o romance o que Calasans alerta com relação à literatura de cordel<sup>28</sup>, e o que Rachel de Queiroz comenta no prefácio a João Abade: a força inibidora da obra monumental de Euclides. Somente na década de 50,

<sup>27</sup>CHIAVENATO, Júlio José. As meninas do Belo Monte. São Paulo: Página Aberta, 1993, p.197.

<sup>28</sup>Ver CALASANS, José. Canudos na literatura de cordel. São Paulo: Ática, 1984.(com colaboração da Fundação Cultural da Bahia),p.6 : “Desdê o aparecimento de Os sertões, em 1902, até os anos 40, não somente a literatura de cordel como os estudos em geral sobre Canudos não são numerosos. Falava-se mais de Euclides da Cunha do que da Campanha de Canudos.”

na literatura brasileira, animam-se João Felício dos Santos e Paulo Dantas, a buscar caminhos narrativos diferentes de *Os sertões*, embora mantendo, em voz explícita dos autores, a afiliação ao grande livro. Em *Le mage*, a obra atrela-se à ideologia racial exposta por Euclides, mas sem conseguir a genial ambiguidade do mestre, que se sobrepôs pela linguagem ao caráter precível das teorias que ele mesmo propôs.

Nos romances da contemporaneidade, *A casca da serpente* e *As meninas de Belo Monte*, os procedimentos narrativos desrealizam os fatos narrados, ao colocá-los como fruto de sonhos de fantasia utópica ou de alucinação causada por por juremas e bromélias, privilegiando, ambos, o *day after*. No romance de Vargas Llosa, atualiza-se sua reverência ao texto euclidiano, embora a sombra de Euclides em seu texto tenha o estatuto de precursor no sentido borgiano do termo.

Impressiona-nos verificar a persistência do texto de Euclides na cultura da contemporaneidade, o que se verifica não somente na literatura, através do romance de tema canudiano, dos que o abordam *a latere* ou dos que necessitam parodiá-lo, como ainda nas artes (lembramos a obra pictural de Tripoli Gaudenzi, na Bahia e de Descartes Gadelha, no Ceará), sem contar, os valiosos estudos que o tema de Canudos e a obra de Euclides vêm merecendo no Brasil e no exterior, favorecidos, pela ampla divulgação do romance de Vargas Llosa, pelas recentes traduções de *Os sertões* e pelo justo interesse que o assunto provoca nas comemorações do centenário da Guerra.